



REVISÃO SISTEMÁTICA

O contributo da arte para os estudos paleopatológicos: Uma abordagem comparativa

Ricardo Gomes*

Departamento de Ciências da Vida – Universidade de Coimbra, Portugal

* ruca.melo.gomes@gmail.com

Artigo recebido a 02 de Maio de 2012 e aceite a 11 de Junho de 2012

RESUMO

A arte e a ciência nem sempre são vistas como duas matérias compatíveis, mas o certo é que quando se opta por uma abordagem multidisciplinar, os resultados mostram-se excelentes pondo em evidência o quão harmoniosamente estes dois universos se enquadram. É este mesmo o objectivo do presente trabalho, que pretende ilustrar como a arte pode ser uma ferramenta de extrema utilidade ao dispor dos paleopatólogos. Para tal, foram escolhidas algumas situações exemplificativas, nomeadamente, ao nível das malformações congénitas, das doenças infecciosas, das neoplasias e da patologia osteoarticular.

Após a análise dos vários casos chegou-se à conclusão que, de facto, a arte pode ajudar a contar a história natural das doenças. Contudo é necessária uma certa dose de cautela por parte dos investigadores, uma vez que estes têm de encarar tal tarefa sem nenhum tipo de ideias pré-concebidas, para assim atingirem o verdadeiro conhecimento.

Palavras-chave: pintura, literatura, doença, paleopatologia, diagnóstico diferencial.

ABSTRACT

Art and science are not always seen as a whole, but if we choose to follow a multidisciplinary approach, the results may in fact be really good, thus highlighting how well these two universes can fit into each other. This is actually the main goal of this paper; it is intended to exemplify how art can be an extremely useful tool at the hand of paleopathologists. In order to fulfill this goal, some examples will be presented in the form of artistic representations that several authors believe to be associated with specific conditions such as congenital malformations, infectious diseases, tumors and eventually some cases of osteoarticular pathologies.

The analyses of these cases allow us to conclude that art can assist us in the reconstruction of the natural history of diseases. However, one must stress the risk associated to this kind of interpretations. When following this approach, researchers must perform their analysis without any preconceived ideas in order to reach true and reliable knowledge.

Keywords: painting, literature, disease, paleopathology, differential diagnosis.

Introdução

O estudo da paleopatologia humana pode ser definido como a área do conhecimento que se dedica ao estudo das doenças num contexto pretérito, tendo os restos humanos (designadamente os esqueletos e as múmias) como material básico de análise (Aufderheide e Rodríguez-Martín, 1998). Apesar de reducionista, esta definição expõe claramente o objectivo da paleopatologia. Contudo é de referir que esta ciência, devido aos seus contornos, tem um forte carácter descritivo e classificativo. Desde cedo, a principal questão tem sido identificar e classificar as anormalidades encontradas nos restos humanos, continuando este a ser um dos grandes focos de actuação (Ortner, 2011).

Assim sendo, segundo o autor, para cumprir a meta a que a paleopatologia se propõe, os investigadores têm de ter ao seu

dispor um elemento essencial, a transdisciplinaridade. Se o investigador não se encontrar imbuído deste espírito, nunca conseguirá clarificar o papel que determinada doença desempenha, desempenhou ou desempenhará numa determinada sociedade em estudo. É então impregnado neste contexto, que alguns autores como Casanova (2003) e Campillo (2001), entre outros, realçam a influência e o contributo da arte no diagnóstico paleopatológico.

Segundo Casanova, (2003) antes de se expor de que forma a arte pode auxiliar a paleopatologia, convém tentar definir o que se entende quando se fala de representações artísticas. Apesar de, neste caso, o objecto de estudo ser olhado de uma forma objectiva, existe todo um contexto de subjectividade que lhe é intrínseco, porque no seu íntimo a

arte inclui sempre uma representação dependente de uma interpretação.

A arte é, provavelmente, muito mais antiga do que se pode imaginar, tendo um carácter evolutivo que lhe atribui uma grande variedade de técnicas e estilos (Campillo, 2001). Mas uma das grandes questões a levantar é, quais os elementos que podem ser considerados arte, e quais os que logram ser passíveis de análise. Para responder a esta questão, pode afirmar-se que “ [...] *falar-se-á da representação da patologia na arte, tendo claro que a obra de arte em estudo se insira dentro das fontes de paleopatologia como forma secundária de evidência.*” (Casanova, 2003: 329).

A arte funciona, nesta situação, como os fósseis e os esqueletos que ajudam a reconstruir a doença e a sua terapêutica. No caso concreto da pintura, as imagens são como fotografias de acontecimentos patológicos que prevaleceram ao longo dos tempos (Casanova, 2003). Aliando toda esta informação a dados históricos, percebe-se que a arte, especialmente a arte visual, é uma importante ferramenta dos estudos paleopatológicos, levando a um conhecimento mais profundo da história natural das doenças (Dequeker *et al.*, 2001).

Contudo, e segundo Campillo (2001), há alguns problemas subjacentes a este tipo de estudos e a interpretação da arte tem de ser encarada cautelosamente por parte dos investigadores. Inicialmente, é importante considerar o ponto de vista do artista, a fiabilidade das suas reproduções, a sua veleidade, e as próprias “*modas*” a que a arte está sujeita. O observador é também um

elemento a ponderar, é importante questionar a sua objectividade e o seu propósito. Finalmente, convém referir que uma das maiores dificuldades deste tipo de estudos e da paleopatologia em geral reside no facto de diferentes doenças poderem provocar alterações morfológicas semelhantes nos indivíduos, e vice-versa complicando consideravelmente qualquer intuito de diagnóstico.

Apesar desta questão, o uso da arte como ferramenta auxiliar da paleopatologia continua a ser extremamente atinente, porém, com as devidas precauções (Driban, 2005). Por esta razão optou-se, no presente trabalho, por apresentar um conjunto de casos descritos na literatura, onde a arte se revela como auxiliar da paleopatologia. Ao mesmo tempo pretende-se ilustrar quais as vantagens e desvantagens deste tipo de abordagem. Para uma melhor compreensão do que se deseja ilustrar, resolveu-se seguir a estrutura apresentada por Casanova (2003) que se desenrola da seguinte forma.

Malformações congénitas

Não é difícil de imaginar a grande estupefacção com que os nossos antepassados reagiam ao aparecimento de determinados indivíduos com “*estranhas*” alterações morfológicas, que escapavam por completo à noção de normal. Os artistas da época certamente não deixaram de referenciar esta “*estranheza*” nas suas obras, quer através do desenho, da escrita ou até mesmo da escultura (Casanova, 2003).

Um dos exemplos que deve aqui ser explanado, devido à possibilidade

demonstrativa das dificuldades deste tipo de estudos, diz respeito a um trabalho de Dirk Bouts. Em 1464, Bouts é convidado para pintar a “*Última Ceia*” na ala esquerda do corredor da Igreja de S. Pedro em Leuven na Bélgica. Observando pormenorizadamente a pintura, destaca-se uma mulher com um turbante branco segurando um conjunto de ervas descritas na bíblia (Ex 12:8) como as “ervas amargas” (Figura 1) (Hijmans e Dequeker, 2004).

Segundo os autores, é possível observar que a junção metacarpofalangeana, e a junção interfalangeana distal se encontram estendidas, enquanto a união interfalangeana proximal se encontra ligeiramente flectida. Após a descrição, os autores discorrem sobre as possibilidades explicativas. Entre elas podem citar-se algumas como um erro de pintura, algo pouco provável, uma vez que com base na sua restante obra, Bouts seria um pintor bastante preciso e minucioso. Outra opção seria um maneirismo, que os autores acabam também por descartar. A osteoartrite e/ou artrite reumatóide surge também como hipótese, embora seja posteriormente excluída, pois o defeito encontra-se presente num único dedo. Por fim, os autores avançam com a possibilidade de se tratar de uma deformação associada a uma lesão traumática, este sim impossível de excluir.

Contudo Hijmans e Dequeker (2004) elegem como diagnóstico preferencial a camptodactilia. Esta patologia na sua forma localizada é caracterizada pela flexão congénita da junção proximal, combinada com a hiperextensão das junções metacarpofalangeana e interfalangeana

distal, com preferência pelo quinto dactilo. Após um cruzamento com os dados históricos, os autores chegaram à conclusão que a mulher representada no quadro a “*Última Ceia*” de Bouts (Figura 1) estava presente em mais obras do pintor, apresentando sempre uma morfologia anormal do quinto dígito. Na realidade, pensa-se que a mulher aqui representada seria na verdade a segunda esposa do pintor, reforçando a hipótese de diagnóstico apresentada pelos autores. Contudo, estes não aprofundam o porquê da sua escolha e apesar de apresentarem este evento como um possível caso de camptodactilia, desatendem na verdade, todo um outro conjunto patologias que em bom rigor não são de exclusão peremptória.



Figura 1: Detalhe da “*Última Ceia*” de Dirk Bouts.

Dentro desta categoria é atinente ainda referir um outro tipo de malformação congénita, cuja diagnose, não é à partida tão inacessível. (Casanova, 2003). A acondroplasia ou nanismo é uma patologia provocada por uma anomalia na ossificação da cartilagem, ao nível das extremidades. Devido à sua elevada manifestação fenotípica, e à possível “*estranheza*” que eventualmente causaria, a sua representação artística remonta a tempos mais pretéritos. Deste modo, Kozma (2008) descreve alguns exemplos que datam de há 4500 anos A.C., no antigo Egipto. Neste caso as evidências chegam não só através da arte, sobretudo na forma de escultura, mas surgem também associadas aos remanescentes ósseos. Existem, na realidade, vestígios esqueléticos que corroboram a hipótese levantada pelo espólio arqueológico, este, em forma de pequenas estatuetas representativas de indivíduos com uma clara assimetria ao nível das proporções corporais e com uma morfologia em tudo compatível com o nanismo.

Para finalizar optou-se por considerar mais uma situação, também esta ocasionadora de expressão morfológica bastante diferente e notória, a trissomia 21 ou síndrome de Down (Casanova, 2003). Os indivíduos que padecem desta patologia descendem de pais citogeneticamente normais, contudo esta ocorre devido ao não desemparelhamento de cromossomas durante a meiose. Regra geral, os indivíduos sobrevivem, embora com uma esperança de vida inferior à média, apresentando alterações a nível esquelético e exibindo uma morfologia craniofacial bastante característica e, normalmente, bem

identificável (Aufderheide e Rodríguez-Martín, 1998).

Casanova (2003) expõe uma representação de um indivíduo com trissomia 21 numa escultura elaborada por Guido Mazzon em 1486, “*La Madonna della Pappa*” (Figura 2). Nesta escultura observa-se um indivíduo, que pelas vestes aparenta ser do sexo feminino, possuidora, segundo os autores, de uma morfologia facial compatível com a síndrome de Down.

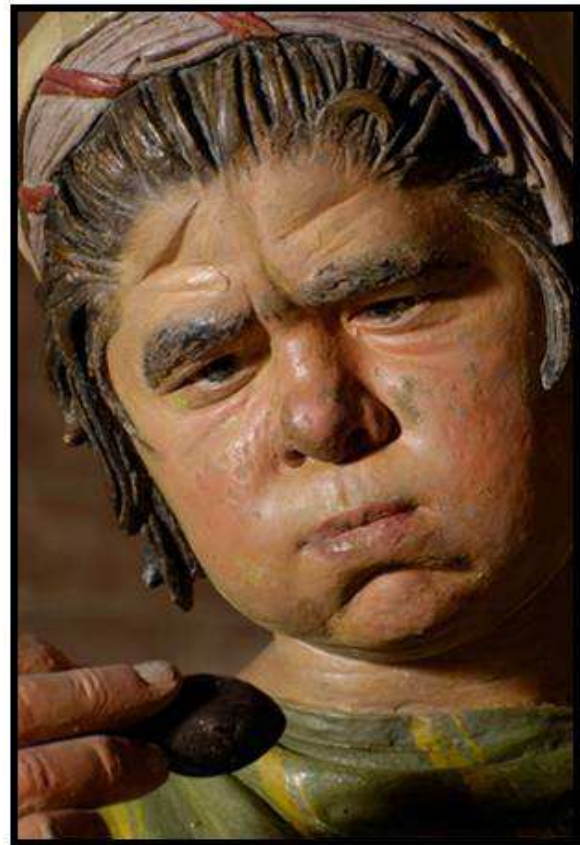


Figura 2: Pormenor da escultura de Guido Mazzon “*La Madonna della Pappa*”, uma possível representação de síndrome de Down na arte renascentista.

De referir ainda um último exemplo, este também relacionado com uma situação de

trissomia 21, descrito por Diamandopoulos e colaboradores (1997). Este caso é relevante na medida em que os autores tentaram o diagnóstico com base num figurino grego datado do Neolítico. Para tal, os autores compararam várias fotografias tiradas ao figurino¹ com fotografias actuais de indivíduos portadores de síndrome de Down. Após a comparação e a posterior análise, os autores acreditam estar perante um dos primeiros registos de trissomia 21 em toda a história.

Doenças infecciosas

Actualmente, o que se sabe da resposta do corpo a determinadas doenças, particularmente, no que concerne às patologias infecciosas, deve-se à acumulação de uma vasta pesquisa que permitiu, dentro de certos limites, controlar a dispersão e a manifestação destas patologias, em alguns casos, a um nível quase global (Ortner, 2003a). Mas nem sempre assim foi, os microorganismos que hoje aniquilamos com relativa facilidade, causavam nas sociedades passadas graves índoles de infecções, como a cólera, o paludismo, entre outras (Casanova, 2003).

Por uma questão pragmática, e seguindo a opinião de Casanova (2003), decidi dar-se

¹ As imagens referentes tanto ao figurino como aos indivíduos fotografados não foram aqui apresentadas devido à sua reduzida qualidade mas de todas as formas poderão ser consultadas em Diamandopoulos, A. A.; Rakatsanis, K. G.; Diamantopoulos, N. 1997. A neolithic case of Down Syndrome?. *Journal of the History of the Neurosciences*, 6(1): 86-89.

especial importância a três grandes grupos de doenças infecciosas, bem descritas ao longo da história, e por sua vez ricas em representações iconográficas. Para cada uma delas dar-se-á pelo menos um exemplo que ilustre a importância da arte no estudo das mesmas.

Lepra

A lepra é causada pela infecção de um agente bacteriano (*Mycobacterium leprae*) e o seu efeito no organismo humano pode tomar várias configurações, desde formas mais ligeiras até às mais severas (Ortner, 2003b). Devido à forte índole social, durante muito tempo intrínseca a esta patologia, é de esperar que seja uma das doenças que apresente um dos reportórios artísticos mais vasto, tanto ao nível das representações como de relatos escritos (Boti e Aquino, 2008). Frases como “*leprosy is a disease almost as old as civilization itself*” (Wood, 1973: 717) não são incomuns. Fatovic-Ferencic e Buklijas (2002) defendem que esta doença se terá dispersado pela Europa entre os séculos XIII e XIV.

Como afirma Casanova (2003), a lepra é uma doença bíblica, não só pelas grandes proporções que tomou, com uma distribuição a nível mundial, mas também num sentido literal. As representações desta doença na bíblia são consideráveis, o que é vantajoso, porque são fornecidos dados interessantes para a sua epidemiologia (Sussman, 1967). Tendo em consideração que as temáticas bíblicas são de grande interesse no que a representações artísticas diz respeito, pode prever-se que imagens

como as que se observam nas figuras 3 e 4 não sejam escassas.



Figura 3: Centro de um pequeno altar, de uma igreja Austríaca, pintado por Cornelis Engebrectsz. O profeta Elias “limpa” o capitão sírio Naeman de lepra.

Para ilustrar o que já foi dito em relação à influência da arte no estudo paleopatológico da lepra, utilizar-se-á um exemplo estudado por Fatovic-Ferencic e Buklijas (2002) que diz respeito a uma pintura do século XVIII sediada no nordeste da Croácia que representa a Rainha Santa Isabel da Hungria, a “curar” um “leproso”. Passando por alto as referências biográficas da personalidade, importa referir que há relatos escritos que a descrevem como portadora de uma grande generosidade e sentido de solidariedade,

“*Elisabeth entered the Franciscan order dedicating her life to healing the sick and helping the poor in the city*” (Fatovic-Ferencic e Buklijas, 2002: 448). Segundo estes, a Rainha era considerada a padroeira dos “leprosos”, e a sua atitude devota relativamente aos enfermos, oferecendo-lhes não só consolo mas também tratamento, não passou despercebida, encontrando-se patenteada em alguns registos artísticos.

Segundo os autores, ao observar-se a imagem pormenorizadamente percebe-se, através do fundo envolvente, que as personagens parecem encontrar-se num local ermo, longe da população, sugerindo um ambiente de isolamento. A Rainha parece estar numa atitude de aproximação e de observação face à ferida que o indivíduo padecido apresenta. Embora os autores especulem a existência de outros pruridos, a Rainha parece estar a oferecer tratamento a uma ferida em especial. Este estudo é um bom exemplo de como a arte pode ser uma evidência secundária bastante proveitosa; todavia, os autores sugerem que uma visão céptica é indispensável para que não se formem opiniões tendenciosas.

Tuberculose

Segundo Chalke (1962), a história da tuberculose fornece um dos melhores cenários caracterizantes do impacto da doença na vida e na cultura de uma sociedade. A tuberculose é, de acordo com Ortner (2003b), uma infecção crónica causada por uma das espécies do *Mycobacterium* que, dependendo do tipo de transmissão, pode ser *M.bovis* ou

M.tuberculosis. A severidade desta infecção está relacionada com a virulência dos organismos e com a própria resistência natural do hospedeiro; as zonas do corpo afectadas são diversas, dependendo de determinado conjunto de factores. A tuberculose é descrita em várias obras de

arte, inclusive não plásticas. Um exemplo disso é o romance escrito por Thomas Mann, "*Der Zauberberg*" (A Montanha Mágica) que ilustra como em 1924 a sociedade ocidental lidava com esta problemática (Casanova, 2003).

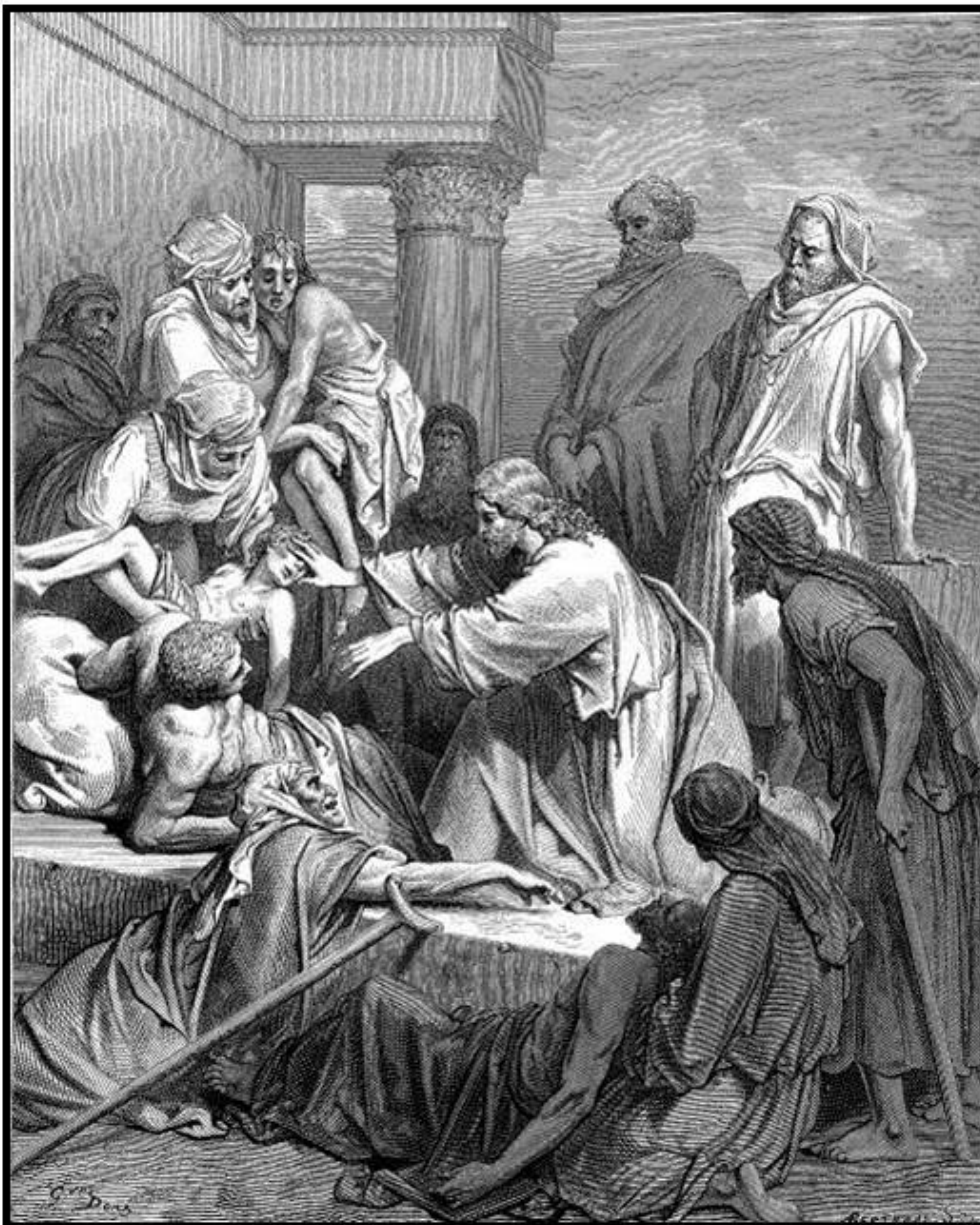


Figura 4: Gravura de Gustave Doré, "*Jesus Healing the Sick*" ilustrando a influência das narrativas bíblicas nas representações artísticas.

A tuberculose não é, porém, um “mal” recente. De acordo com Casanova (2003) e Campillo (2001) existem relatos desta doença que remontam ao Antigo Egito. O conhecido mal de Pott era já representado em estatuetas egípcias (Figura 5). Note-se que não se pode assumir com toda a certeza que se trata realmente desta enfermidade, uma vez que, na realidade, pode-se estar perante uma outra patologia – devemos ter sempre em mente o diagnóstico diferencial.

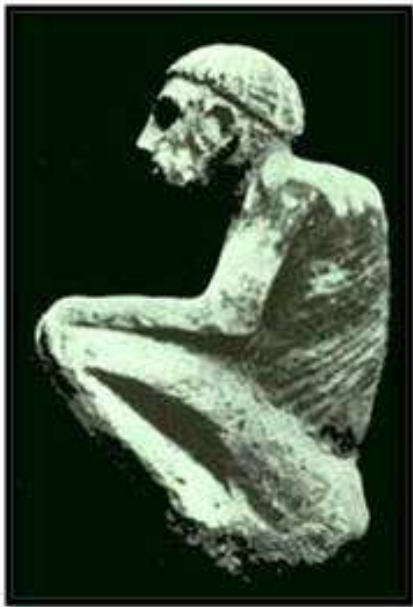


Figura 5: Estatueta egípcia, encontrada em Assuán, exibindo os clássicos sinais do mal de Pott.

Um exemplo importante trata-se de uma obra de Edvard Munch, pintor norueguês, denominada “*The Sick Child*”. Toda a cena está cravejada de um cenário que transmite a noção de prostração, doença e sofrimento (Figura 6). Potter (2011) descreve este quadro dizendo que o seu “*background invokes blood, harbinger and dominant presence of tuberculosis in the scene.*”

(Potter, 2011: 574). A pintura representa uma jovem adolescente que se encontra fisicamente debilitada, e com base nos relatos do próprio pintor, de facto a “*pobre menina*” foi vítima de tuberculose fulminante. É ainda observável uma segunda personagem que, na opinião do autor, está rodeada de uma aura de pesar e dor que se reflecte na cor negra do seu vestido. Esta representação é um exemplo de como a tuberculose foi um grave problema de saúde pública e uma grande questão social, estando associada à pobreza e às fracas condições de vida.

Sífilis

A história das treponematoses continua a ser um dos assuntos mais controversos na paleopatologia, particularmente na variante cuja transmissão se encontra associada à sexualidade, a sífilis (Ortner, 2003c). Esta moléstia provocada pelo *Treponema pallidum* foi considerada durante muito tempo como uma espécie de resposta à promiscuidade e infidelidade, uma vez que uma das manifestações desta enfermidade está relacionada com a formação de pústulas em determinadas zonas corporais, sendo uma delas a genitália. É este carácter social da sífilis que lhe confere uma representação tudo menos parca na arte (Casanova, 2003). De resto, existem estudos como os de Solar (2008) que mostram como os pintores davam especial atenção à representação da mulher neste contexto, já que esta era vista como a grande responsável pela disseminação da maleita, devido à sua essência naturalmente impura

e pecadora. Uma outra análise interessante trata-se de uma pesquisa feita por Morton (1991) sobre a possibilidade de a Grã-Czarina Catarina da Rússia ser portadora de tal enfermidade, mostrando que o “*flagelo*” não escolhia classe social, e nem a realeza

era poupada à vergonha da sífilis. Ainda dentro desta linha de pensamento pode-se aludir um caso estudado por Johnson (2004) que discorre sobre uma representação de Gerard de Lairesse pintada por Rembrandt em 1665 (Figura 7).



Figura 6: “*The Sick Child*” de Edvard Munch pintado em 1896 sediado no Museu de Arte de Goeteborg. Um caso descrito pelo pintor como tuberculose.



Figura 7: Retrato de Gerard Lairese por Rembrandt. Note-se em especial a forma da cavidade nasal e achatamento desta, como uma possível consequência de sífilis.

Lairesse foi de certa forma imortalizado pelo seu colega numa tela que repousa no Museu Metropolitano de Arte, em Nova Iorque. É usualmente aceite, até com base em alguns registos biográficos, que Lairese sofria de sífilis congénita, como de resto o seu retrato deixa transparecer. São observáveis alterações morfológicas na superfície facial com especial enfoque na zona nasal. Ao pintar este quadro,

Rembrandt não fazia a menor ideia de que tinha rotulado o seu colega como vítima de sífilis para o resto da sua vida, e morte.

Neoplasias

Um crescimento novo de qualquer tipo de tecido no organismo, que hoje denominamos como neoplasia, foi durante muito tempo englobado numa categoria

vasta, o “tumor”, entre os quais se encontravam processos inflamatórios, quistos e autênticas neofomações benignas e malignas (Casanova, 2003). Porém, apesar de actualmente o conhecimento ser mais vasto, apenas foram identificadas as causas a nível molecular de algumas desordens, mas ao que tudo indica as neoplasias estão associadas a uma forte componente genética (Aufderheide e Rodríguez-Martín, 1998).

Segundo David e Zimmerman (2010), os primeiros registos de neoplasias remontam ao Antigo Egipto. O *Papiro Médico* é a primeira evidência dos conceitos de fisiologia e farmacêutica desta civilização, e de acordo com os autores pode-se encontrar nele um esboço do que viria a ser o “*Livro dos Tumores*”. De mencionar que, para Capasso (2005), o diagnóstico de neoplasia é um dos mais difíceis de realizar em paleopatologia devido à escassez de material de estudo que se reduz à análise de restos esqueletizados. Assim, a representação neoplásica na arte não é abundante (Casanova, 2003) e os principais casos parecem estar relacionados com o que hoje é conhecido pelo cancro da mama (Forma *et al.*, 2010).

Uma das pinturas mais famosas representativas de um possível caso de cancro da mama é uma tela pintada por Raphael Sanzio, “*La Fornarina*” (Figura 8), (Forma *et al.*, 2010). Segundo Espinel (2002) o seio esquerdo da mulher apresenta uma protuberância, que começa na axila e curva horizontalmente para a direita em direcção ao mamilo (Figura 9). Ao que tudo indica esta saliência parece ser uma espécie de massa, em forma oval situando-se mesmo

em cima do dedo indicador de “*La Fornarina*”.



Figura 8: “*La Fornarina*” de Rapahel Sanzio, ilustrando um possível caso de cancro de mama.

No diagnóstico efectuado pelo autor a deformação encontrada na “*La Fornarina*” pode ser a representação de cinco sinais clínicos, uma massa; uma retracção; uma descoloração da pele; um nódulo linfático ou apenas uma intumescência do braço. A descoloração na zona sugere uma corrosão da pele, provavelmente ao nível da zona linfática da derme, e o inchaço de braço será devido a um linfodema. Todos estes sinais são compatíveis com o diagnóstico de cancro da mama num estado avançado. O autor parece não apresentar dúvidas em relação ao

diagnóstico, porém e como já foi referido, é necessário cautela no que se refere a estas conclusões.

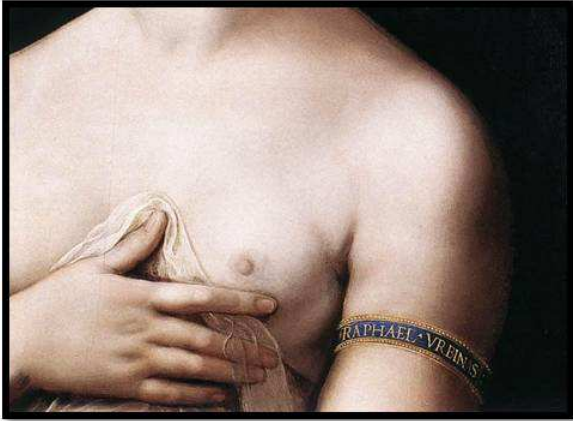


Figura 9: Pormenor de “La Fornarina” para ilustrar melhor a possível formação de uma massa junto do seio esquerdo.

Patologia Osteoarticular

A patologia articular pode ser definida como uma condição patológica não inflamatória, crónica, caracterizada pela perda de cartilagem que subsequentemente provoca lesões resultantes do contacto directo intra-ósseo (Aufderheide e Rodríguez-Martín, 1998). Atente-se para o facto de existirem diferenças entre osteoartrose e artrite reumatoide, sendo esta última uma doença auto-imune em que o sistema imunitário ataca as articulações, destruindo a cartilagem e os ligamentos, implicando um processo inflamatório (Dequeker, 2006). Apesar de neste trabalho apenas se considerar a osteoartrose não se deixam de referir estudos como os de Buchanan (1996), Dequeker (2006), e Dequeker (1992). Ressaltam-se ainda pesquisas como as de

Dequeker e colaboradores (2001) que analisam uma pintura de Hieronymus Bosch, “The procession of the Cripples” datada do século XIV, que devido à sua elevada complexidade não será aqui exemplificada.

Deste modo, optou-se sim por exemplificar a importância da arte no estudo das doenças osteoarticulares através de um estudo realizado por Curate e Tavares (2012). Os autores analisam três desenhos de Francisco Goya, “Disparate pobre”, “Parten la vieja” e “El Chitón” (Figura 10), onde se encontram representadas mulheres idosas e “curvadas”, os autores discorrem sobre as condições patológicas que podem estar na origem da cifose da coluna vertebral observada nas ilustrações.

A abordagem utilizada pelos autores é conveniente, existindo da parte destes um claro cuidado em proceder ao diagnóstico diferencial, que como já referido é de extrema importância. Um diagnóstico muito assertivo pode comprometer todo o estudo, devido à quantidade e qualidade dos dados em análise. Seguindo esta linha de pensamento, aquando da análise das ilustrações de Goya, os autores sugerem que a formação da curvatura na região dorsal pode estar relacionada com patologias como a tuberculose ou com um tipo específico de tumor que afecta a coluna vertebral. Contudo, com base no contexto fornecido pelos dados históricos, anatómicos e epidemiológicos, Curate e Tavares (2012) avançam com dois diagnósticos que consideram mais plausíveis. Presumivelmente, as mulheres representadas

poderiam ser vítimas de espondilite tuberculosa (mal de Pott) ou então de osteoporose espinhal, optando por não

excluir nenhuma possibilidade em detrimento da outra.



Figura 10: Da esquerda para a direita: “Parten la vieja” e “El Chitón”.

Assim, pensa-se que este exemplo seja um excelente caso demonstrativo de como é necessário que o observador tenha uma enorme consciência objectiva para assim conseguir formular a melhor hipótese possível, sem se deixar viciar pelo teoria com que vai imbuído *à priori*.

Considerações finais

De uma forma geral, a ciência é vista como um tipo de conhecimento sistemático da

natureza e do mundo físico, que deriva da observação e da experimentação. A arte, por sua vez, está relacionada maioritariamente com a criatividade e a liberdade, sendo os produtos que dela resultam sempre filhos de uma beleza e espontaneidade intrínsecas. Duas esferas que se parecem situar tão longe uma da outra, e cuja intersecção parece surreal, estão em muitas situações intimamente ligadas. Quer porque o artista tem necessidade de representar com o maior pormenor possível a sua obra, precisando de conhecimentos físicos, quer porque o

cientista precisa de expor graficamente aquilo que estuda. Seja como for, ao contrário do que se poderia pensar a arte e a ciência conseguem entrar numa harmoniosa comunhão (Forma *et al.*, 2010).

Os exemplos acima referidos ilustram na perfeição o estreito vínculo entre a arte e ciência, principalmente no que à paleopatologia diz respeito. Pensa-se que o objectivo inicial foi conseguido, uma vez que foram explanadas várias situações onde a arte contribuiu não só para a análise paleopatológica, mas para o conhecimento da história natural das doenças. Conquanto toda esta análise tem de ter o seu quê de precaução, deve-se ter em mente que se está a lidar com evidências secundárias, onde os contextos teórico, histórico, e pessoal, no que ao observador concerne, fazem toda a diferença.

Em suma, considera-se que a arte pode ser de facto um instrumento de grande utilidade, mas exige muita cautela na sua interpretação e nunca se pode assumir que a etiologia da patologia será diagnosticada na totalidade, uma vez que todo este contexto se insere no universo dos mortos e de tempos pretéritos, onde as certezas são muito poucas ou nenhuma.

“From my rotting body, flowers shall grow,
and I am them, and that is eternity.”

Edvard Munch

Bibliografia

- Aufderheide, A. C.; Rodríguez-Martín, C. 1998. *The Cambridge encyclopedia of human paleopathology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Boti, N. C. L.; Aquino, K. A. 2008. A via sacra da hanseníase de Veganin. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 61(esp): 676-681.
- Buchanan, W. 1996. The contribution of Sir James Paget (1814-1894) to the study of rheumatic disease. *Clinical rheumatology*, 15(5): 461-472.
- Campillo, D. 2001. *Introducción a la paleopatología*. Barcelona, Hurope, S. L., Lima.
- Capasso, L. L. 2005. Antiquity of cancer. *International Journal of Cancer*, 113: 2-13.
- Casanova, J. C. G. 2003. Paleopatología en el arte. In: Isidro, A.; Malgosa, A. (eds.). *Paleopatología la enfermedad no escrita*. Barcelona, Masson, S.A: 329-341.
- Chalke, H. D. 1962. The impact of tuberculosis on history, literature and art. *Medical History*, 6(4): 301-318.
- Curate, F.; Tavares, A. 2012. Cifosis vertebral en la pintura de Francisco Goya (1764-1824): un ejercicio de diagnóstico diferencial. In: Martín, G. A.; Cambra-Moo, O.; Pérez, R. J.; Martín, C. M.; Acinas, R. M.; González, L. E.; Sánchez, S. J. A. (eds.). *Paleopatología: ciencia multidisciplinar*, Donostia-San Sebastian, Aranzadi: 611-616.
- David, A. R.; Zimmerman, M. R. 2010. Cancer: an old disease, a new disease or something in between. *Nature Reviews Cancer*, 10: 728-733.
- Dequeker, J. 1992. Siebrandus Sixtius: evidence of rheumatoid arthritis of the robust reaction type in a seventeenth century Dutch priest. *Annals of the Rheumatic Diseases*, 51: 561-562-
- Dequeker, J.; Fabry, G.; Vanopdenbosch, L. 2001. Hieronymus Bosch (1450-1516): paleopathology of the medieval disabled and its relation to the bone and joint decade 2000-2010. *Medical Archaeology*, 3: 864-871.
- Dequeker, J. 2006. What can a rheumatologist learn from paintings. *Acta Reumatológica Portuguesa*, 31: 11-13.
- Diamandopoulos, A. A.; Rakatsanis, K. G.; Diamantopoulos, N. 1997. A Neolithic case of down syndrome?. *Journal of the History of Neurosciences*, 6(1): 86-89.

- Driban, N. E. 2005. *Dermatología en el Arte*. Acreditado para la carrera de especialización en dermatología, Facultad de Medicina, Universidad Nacional de Cuyo.
- Espinel, C. H. 2002. The portrait of breast cancer and Raphael's La Fornarina. *Lancet*, 360: 2061-2063.
- Fatovic-Ferencic, S.; Buklijas, T. 2002. The image of a leper (?): a paradigm of hidden fears of contagious diseases (Exemplified in a wall painting of Saint Elizabeth of Hungary). *Journal of the European Academy of Dermatology and Venereology*, 16: 447-449.
- Forma, E.; Bernacik, M.; Brys, M. 2010. Breast cancer in art painting. *Folia Biologica et Oecologica*, 6: 61-68.
- Gould, T. 2005. *A disease apart. Leprosy in the modern world*. New York, St. Martin's Press.
- Hijmans, W.; Dequeker, J. 2004. Camptodactyly in a painting by Dirk Bouts (c. 1410-1475). *Journal of the Royal Society of Medicine*, 97: 549-551.
- Johnson, H. A. 2004. Gerard de Lairese: genius among the trponemes. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 97: 301-303.
- Kozma, C. 2008. Historical review. Skeletal dysplasia in Ancient Egypt. *American Journal of Medical Genetics*, 146(A): 3104-3112.
- Morton, R. S. 1991. Did Catherine the Great of Russia gave syphilis? *Genitourinary Medicine*, 67: 498-502.
- Ortner, D. J.; Aufderheide, A. C. 1998. Introduction. In: Ortner, D. J.; Aufderheide, A. C. (eds.). *Human paleopathology. Current syntheses and future options*. Washington, Smithsonian Institution Press: 1-2.
- Ortner, D. J. 2003a. Infectious diseases: introduction, biology, osteomyelitis, periostitis, brucellosis, glanders and septic arthritis. In: Ortner, D. J. (ed.). *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. Amsterdam, Academic Press: 179-224.
- Ortner, D. J. 2003b. Infectious diseases: tuberculosis and leprosy. In: Ortner, D. J. (ed.). *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. Amsterdam, Academic Press: 227-265.
- Ortner, D. J. 2003c. Infectious diseases: treponematoses and other bacterial infectious diseases. In: Ortner, D. J. (ed.). *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. Amsterdam, Academic Press: 273-323.
- Ortner, D. J. 2011. Human skeletal paleopathology. *International Journal of Paleopathology*, 1(1): 4-11.
- Potter, P. 2011. From my rotting body, flowers shall grow, and I am them, and that is eternity. *Emerging Infectious Diseases*, 17(3): 573-574.
- Solar, M. D. V. 2008. Achaques, dolencias y padecimientos en la mujer a través de la pintura. *Revista Internacional de Ciencias Podológicas*, 4(1): 25-36.
- Sussman, M. 1967. Diseases in the Bible and the Talmud. In: Brothwell, D.; Sandison, A. T. (eds.). *Diseases in antiquity*. Springfield, Charles C Thomas – Publisher.
- Wood, S. R. 1973. A short history of leprosy in postage stamps. *Proceedings of the Royal Society of Medicine*, 67: 717-719.